

CAUSALIDADE, DESCONTÍNUO, DOR:

CAMINHOS DA BALA PERDIDA E DA MEGA-SENA

*José Otávio Vasconcellos Naves** *Mériti de Souza***

RESUMO

A lógica formal configura modelos adstritos ao conhecer e ao subjetivar calcados nas concepções de substância, verdade e causalidade linear e contínua. Neste artigo a “mega sena”, a “bala perdida” e a dor são entendidas como expressões do descontínuo e do “acaso”, bem como, da causalidade não restrita à relação imediata estabelecida entre a intencionalidade do sujeito presentificada na causa e no efeito. O imprevisível e o descontínuo possibilitam problematizar a lógica não causal e o estatuto do denominado efeito, ampliando o trabalho na escuta da dor e na prática terapêutica.

Palavras-chave: descontínuo; causalidade; dor; prática terapêutica.

CAUSALITY, DISCONTINUOUS, PAIN:

THE STRAY BULLET PATHS AND THE LOTTERY

ABSTRACT

The formal logic configures some connected models when facing and subjecting truth and continuous linear causality based on concepts of substance. Herein the “lottery”, the “stray bullet” and the pain are understood as expressions from discontinuity and “chance” linked to a causality that goes further than the immediate relationship established between the intentionality of the subject presented in the cause and effect. The discontinuous and undecided logical allows questioning about the non-casual logical and about the statute of the effect, extending so the listening work concerning the pain and the therapeutic practice.

Keywords: discontinuity; causality; pain; therapeutic practice.

* Psicólogo. Doutorado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atualmente é professor assistente e supervisor no Serviço de Psicologia Aplicada da mesma Universidade. Endereço: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Centro de Teologia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia. Rua Marques de São Vicente, 225 – Gávea. Rio de Janeiro, RJ – Brasil. CEP: 22453-900.

E-mail: jnaves3@uol.com.br

** Psicóloga. Doutorado em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Pós-Doutorado no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, com bolsa da Capes. Atualmente é professora adjunta na Universidade Federal de Santa Catarina. Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Departamento de Psicologia. Trindade. Florianópolis, SC – Brasil. CEP: 88010-870.

E-mail: meritidesouza@yahoo.com

INTRODUÇÃO

A busca pelo sentido atravessa a história humana e possibilita a produção de diversas teorias sobre o conhecimento, a realidade e a constituição psíquica. As teorias caminham em paralelo à construção de estratégias e instrumentos voltados a compreender, desvelar, explicar, interpretar e analisar os sentidos concernentes ao mundo e ao sujeito. No trajeto histórico que culmina no período clássico predomina a *epistémê* na qual o signo permanece na sincronia e o tempo é circular, possibilitando que a analogia opere como referência para o conhecimento e a busca pelo sentido aconteça a partir da similitude. Assim, as premissas que organizam essa *epistémê* apontam para a conexão entre os elementos que compõem a realidade e mantêm algum ponto de semelhança entre si. Para Foucault (1990a), a perspectiva do contínuo organiza o modo de conhecer no pré-classicismo e no classicismo, sendo que no primeiro a representação calcada na similitude aproximava as palavras e as coisas e, no segundo a representação tem seu *status* alterado possibilitando o afastamento entre a linguagem e a materialidade. Essa perspectiva predomina e viabiliza a leitura dos signos como imantados por sentidos que, revelados, também revelariam os sentidos adstritos à realidade e à vida. Ainda, a busca pela semelhança possibilitava a convivência com o diverso, pois o procedimento utilizado para estabelecer a semelhança era localizar algum ponto de intersecção entre os objetos e os contextos.

A partir da consolidação do período denominado moderno, a *epistémê* se reorganiza em torno do contínuo e do linear, assumindo contornos de causas e efeitos, sustentando configurações identitárias e imprimindo sentido e intencionalidade às ações humanas. A identidade é centrada na repetição e na “mesmidade” de uma temporalidade histórica linear e de uma constituição subjetiva ancorada na representação e na racionalidade lógica formal. Nessa perspectiva, os procedimentos utilizados para conhecer demandam a localização de idênticos, a exclusão do diverso e do descontínuo. Para Foucault (1985, 1990a, 1990b), as relações entre saber e poder atravessam a história ocidental e configuram a cena moderna calcada nas disciplinas e na produção do sujeito sujeitado. O saber que deságua no discurso científico carrega a disciplinarização dos corpos e a dissociação do conhecimento como marcas da produção estabelecida como técnica e neutra.

A consolidação da denominada modernidade e dos ideais ancorados na metafísica da presença possibilita que os pressupostos como a representação, a lógica causal e linear, a identidade e a substância ganhem hegemonia. Esse cenário produz tanto a subjetividade substantivada no sujeito epistêmico e na identidade individualizada, quanto o conhecimento substantivado no modelo de conhecimento denominado ciência, que dissocia mente/corpo, razão/paixão, ativo/passivo, sustentando a verdade e o universal como atributos inerentes à realidade. A maioria das teorias sobre a constituição psíquica acompanha esses parâmetros e adotam a concepção segundo a qual a subjetividade se restringe à consciência e se encontra apta a controlar as paixões – mundo interno –, a natureza e o social – mundo externo. Ato contínuo, esse cenário produz a desqualificação da diferença, do imprevisível, do descontínuo, como possibilidades para a

leitura da realidade e para a intervenção sobre ela. Em outras palavras, na lógica formal e na metafísica da presença predominam os pressupostos da temporalidade e da espacialidade como configurações lineares, contínuas, substantivadas, possibilitando que o nexo causal moderno seja concebido como intrínseco tanto à natureza quanto à cultura. Por sua vez, esses pressupostos ensejam a concepção de nexo causal, como necessariamente estabelecido na relação entre causa e efeito que vincula sujeito e objeto, bem como ação, movimento e intencionalidade do sujeito e movimento na realidade. (BACHELARD, 1996; BLANCHÉ, 1983; BUNGE, 1972; DERRIDA, 1971, 1999; PRIGOGINE, 1996).

É importante salientar que, apesar da hegemonia obtida pelos pressupostos centrados na metafísica da presença, essa vertente não é a única a oferecer possibilidades à compreensão da constituição subjetiva e do conhecimento. Por um lado, a predominância dos modos de conhecer e de subjetivar calcados na metafísica da presença entroniza a razão e a lógica formal como únicas referências à compreensão da realidade. Não obstante, o *pathos*, os afetos, a lógica não formal, continuam a se manifestar, atravessando as experiências e as práticas que constituem a vida das pessoas e o seu entorno. Por outro lado, encontramos em diferentes áreas do conhecimento autores que não trabalham com os pressupostos da metafísica da presença e recorrem a pressupostos como o trágico, o inconsciente, a metáfora, o *pathos*, entre outros, como possibilidades abertas à leitura do psíquico e do conhecimento (DERRIDA, 1971, 1999; ESPINOSA, 1979; FÉDIDA, 1988; 1996; FREUD, 1972[1900], 1996[1919], 1996[1920]). A título de exemplo, relembremos Fédida (1988, 1996) que busca em trágicos como Ésquilo a concepção do *pathei mathos*, conforme se encontra mencionado no Agamêmnon, para afirmar que o *pathos* pode assumir o contorno de uma aprendizagem associada ao sofrimento. A condição do *pathos* como contraponto ao *logos* e como o que atravessa o psiquismo humano e possibilita a experiência, oferece possibilidades para o conhecimento. Também citamos Espinosa por questionar a concepção da hierarquia entre o ativo e o passivo na qual o primeiro termo diz respeito aquele que exerce a ação e o segundo se refere aquele que sofre os efeitos dessa ação. Para o autor a hierarquia na relação entre corpo e alma não se sustenta, na medida em que a atividade e a passividade operam tanto no corpo como na alma (ESPINOSA, 1979). Essa análise possibilita que a clássica associação entre causalidade, linearidade, substância, presença e ação, seja questionada.

Esse tema revela-se amplo, porém, desperta nosso interesse o pressuposto de verdade atribuído ao pressuposto da lógica formal na sua leitura sobre o nexo causal como linear e contínuo, em decorrência da sua associação com as teorias sobre o conhecimento e a constituição subjetiva calcadas no modelo moderno. Essa modalidade de conhecer e de subjetivar subsume a idealização da consciência, bem como a possibilidade de total controle sobre a natureza, o humano e a cultura, pois nela encontra-se pressuposta a concepção de que localizar a causa e o efeito que operam em diversos eventos e fenômenos garantiria a sua inteligibilidade e a sua previsão. Entretanto, a constante emergência no cotidiano das pessoas de situações que questionam esse pressuposto e esse modelo incita a problematizar a demanda pelo modo de conhecer e de subjetivar ancorado na linearidade e continuidade.

Basta ligar o aparelho de televisão, ler o jornal, conversar com as pessoas, para nos depararmos com situações que escapam aos parâmetros da lógica da causa e do efeito, bem como, da intencionalidade atribuída ao sujeito que desencadeou a ação.

As grandes catástrofes que ocorreram sobre a terra tornaram a espécie humana primitiva desamparada diante de uma natureza que a surpreendeu. O desamparo diante da natureza e a desmesura que colide com o psiquismo configuram as vicissitudes inerentes a essa espécie. Essas vicissitudes partilham o caráter de descomedimento e podem levar o humano a experimentar a dor, mas também, dizem do desejo e do devir que impulsiona a vida. Supomos que o ponto que sutura o desamparo e a desmesura se localiza no que essas vicissitudes explicitam acerca da busca humana pelo controle e pela previsibilidade. Nessa perspectiva, a hegemonia alcançada pela metafísica da presença e seus pressupostos da lógica causal e linear apontam para a tentativa de estabelecer relações entre ações e seus efeitos e, dessa forma, definir o conhecimento e consequente controle da natureza e do psiquismo. Assim, as perguntas que nos mobilizam dizem respeito a possíveis relações entre o conhecimento pautado no controle e na previsibilidade baseada na relação causa e efeito e a constituição subjetiva marcada pela experiência da dor e pelo desamparo.

DOR, CAUSALIDADE E FINALIDADE: PREVER A DOR E A DOR DE NÃO PREVER

Habita o ser humano uma dor crônica, que o torna um “ser da dor”. Existiria, entretanto, a analgesia, doença rara em que o indivíduo não acusa qualquer experiência com a dor, o que solicita dele um delicado aprendizado para viver. Assim, a dor é um conceito *sui generis* enquanto resposta a uma fratura nos limites do organismo, qualquer que seja ele, psíquico ou corporal, e sempre remete à finitude. Seguindo esta proposta, o ser humano necessita da dor e, não a sentindo, ele se torna vítima de um desamparo radical.

Para a psicanálise, o humano só se constitui na dor e a própria defesa para evitá-la pode ser considerada dolorida. Enquanto expressão do traumático, mesmo não passível de ser valorizada, a dor marcará a vida de cada ser e da espécie humana, sendo que, na luta para evitá-la, o ser humano encontra o prazer. Para Freud (1969[1930], p. 94) em “O Mal Estar na Civilização”,

Como vemos, o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início. Não pode haver dúvida sobre sua eficácia, ainda que o seu programa se encontre em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo. Não há possibilidade alguma de ele ser executado; todas as normas do universo são-lhe contrárias. Ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja ‘feliz’ não se acha incluída no plano da ‘Criação’.

O princípio do prazer freudiano assim pensado é, antes de tudo, o princípio do desprazer, pois, seguindo os seus fundamentos, o ser humano não busca o prazer, mas evita a dor e, neste esforço, encontra o prazer. A procura da constância leva cada ser a retomar a dor num limite que lhe seja familiar, produzindo lógicas próprias e reencontrando uma dimensão exclusiva de si mesmo. Essas lógicas se articulam seja por ameaças fantasísticas ou por situações que efetivamente ocorreriam, mas, de alguma forma, essas manifestações serão sempre excessivas em relação a essas mesmas ameaças. Mas por que excessivas? Podemos supor que o organismo psíquico é portador de uma anacronia uma vez que ele nunca se refere ao presente. Como ser do passado e do futuro o seu inconsciente é uma extensão que ignora o tempo. Assim, neste descomedimento, tanto a medida quanto o espaço seriam fatores advindos de um lugar exterior a este mesmo, que, enquanto expressão de uma afecção concebida como vazio, busca, sem descanso, fazer algo desta coisa sem nome e sem medida, mesmo que ao preço de si mesmo e de sua integridade egoica.

O ponto de interesse recai sobre a constante tentativa de fazer algo menos angustiante desta anacronia. Tentaremos situar algumas referências que podem auxiliar a compreender a “dor” e, para tanto, utilizaremos dois exemplos do nosso imaginário: a bala perdida e a mega sena. Salientamos que consideramos a dor pertinente à condição humana, relevando seu aspecto universal, bem como compreendemos sua articulação à inscrição psíquica e às experiências de cada um de nós, configurando sua singularidade. Assim, a partir do foco que nos interessa estabelecer nos caminhos da mega sena, da bala perdida e da dor, elas podem ser situadas, numa primeira observação, na sua relação com o imprevisível, o descontínuo. Dito de outra forma, conforme pontuamos acima o humano no seu desamparo e dor perante a incomensurabilidade e o inexprimível na natureza, no outro e no próprio psiquismo, adota o procedimento de estabelecer sentidos a atribuir nexos causais às experiências e acontecimentos que o rodeiam e o constituem. Mas a Chama de Goethe (Fausto Parte I, Cena 3) não parece alimentar estes sentidos. O próprio demônio se nomeia como invejoso adversário desta ordem em que Eros irrompe na frustrada tentativa de criar e multiplicar a vida. No decorrer de sua obra, na *Interpretação dos Sonhos* e no “O Mal Estar na Civilização”, Freud (1972[1900], p. 83; 1930/1969, p. 143) cita estes versos: “Da Água, da terra e do ar a desdobrar-se,/ Um milhar de germes irrompe e cresce/ no seco, no úmido, no quente e no frio/ E não tivesse eu a Chama reservada, pois, realmente,/ Nada possuo de especial para mostrar”.

Com o procedimento de estabelecer sentidos e atribuir nexos causais o humano procura lidar com a dor ao buscar inteligibilidade e controle via elaboração de teorias sobre a natureza e o psiquismo como configurados pela substância, o linear e o contínuo, bem como, de teorias acerca da liberdade. Essa última teorização é importante já que possibilita o pressuposto moderno que associa liberdade, intencionalidade do sujeito e atribuição do nexo causal como sequência de causa e efeito.

Encontra-se disseminada na tradição ocidental moderna a elaboração de Aristóteles (1973, 1996) acerca dos modelos causais delineados como final, eficiente, material e formal. Não obstante, o autor também definiu as causas como

acidental e essencial, e afirma que existem contextos nos quais teríamos a causa ocorrendo de forma simultânea ao efeito, bem como, contextos nos quais a causa produz um efeito não vinculado de forma imediata a ela. Ao relevar esses contextos, Aristóteles trabalha com o acaso entendido como o imprevisível, o indeterminado, afirmando que na estratégia é importante considerá-lo e na técnica é necessário dominá-lo, apesar de ser impossível eliminá-lo. É importante salientar que nos cenários trabalhados pelo autor permanece o princípio do nexo causal, porém não existe a exclusividade da causalidade atrelada à relação simultânea, linear e contínua entre causa e efeito. Aristóteles entende que os aspectos da fortuna e do acaso compõem a realidade, sendo ambos relacionados à “causa accidental”, ou seja, marcados pelo imprevisível, porém passíveis de serem compreendidas. Entretanto, a tradição moderna coloca esses aspectos fora da sua matriz de conhecimento, pois, *a priori* eles se encontram excluídos da inteligibilidade da sequência causal e linear, bem como, da racionalidade cognoscente e autônoma.

É possível perceber que na tradição das sociedades ocidentais e modernas ganhou hegemonia a concepção da existência de uma série causal simultânea, linear e contínua, o que leva a exclusividade da representação do acaso como oposto ao determinado (BACHELARD, 1996; BLANCHE, 1983; BUNGE, 1972; DERRIDA, 1999, FOUCAULT, 1990a). Um longo percurso na tradição ocidental acaba por estabelecer as concepções denominadas modernas que definem hierarquias entre as quatro causas aristotélicas, bem como, desqualificam e/ou excluem do saber hegemônico tanto a causa essencial quanto a accidental. No modelo do conhecimento moderno ocorre a predileção pelo método centrado na busca por sequências causais que acabam por desaguar em relações específicas de causa de efeito. A tradição ocidental compreende a determinação em contraponto ao indeterminado e estabelece a relação entre a autonomia humana e a compreensão e controle da realidade. Entretanto, mesmo um autor como Bacon (1999), que busca estratégias justamente para estabelecer o conhecimento e o controle, alerta acerca da impossibilidade de controle sobre a natureza e o acaso afirmando que ambos limitam o ato de conhecer. A palavra acaso deriva do latim e diz respeito a um contexto, fato, evento, que acontece de forma accidental, ou seja, ocorre de forma aleatória e sem uma explicação aparente. Entendemos que relevar o acaso implica em reconhecer o aleatório, o imprevisível, presentes em fenômenos e situações nas quais não se pode localizar ou determinar a relação linear e contínua entre causa e efeito, segundo os parâmetros da lógica formal e da racionalidade moderna.

A partir dessa perspectiva, é possível compreender os contextos da bala perdida e da mega sena como associados a causalidades não restritas aos parâmetros da lógica formal, causal e linear. Assim, a bala perdida e a mega sena estabelecem um contraponto com o modo de conhecer e o modo de subjetivar hegemônicos no ocidente moderno. A trajetória da bala perdida e da mega sena não seguem o *continuum* espaço temporal traçado pela linearidade e pela causalidade. O *continuum* causa e efeito postula a possibilidade de estabelecer o sentido assumido pelo movimento deflagrado pelo sujeito que exerce a ação sobre o objeto que sofre os seus efeitos. Essa leitura também contempla a possibilidade de estabelecer a relação entre a intenção do sujeito ativo e os efeitos causados pela sua ação no

objeto passivo. A previsibilidade, o controle e a medida, subjacentes à relação causa e efeito, à medida e ao controle, não abarcam a lógica posta pela mega sena e pela bala perdida. Temos aqui que a lógica não trabalha com a linearidade e o contínuo espaço tempo, bem como, não vincula a execução do movimento a sua finalidade, ou seja, a intencionalidade do agente, no caso o denominado sujeito da ação. Também é possível situar a bala perdida no lugar do acaso infeliz, já que ela toma o lugar do assassino anônimo. Ela existe, mas a mão que aperta o gatilho é desconhecida. É uma morte advinda de um lugar qualquer, sem explicação salvo pela extrema infelicidade de fazer de alguém uma vítima. Ela é o agente onde o ser humano, enquanto objeto, pode de um momento para outro, encontrar o enorme e o inusitado que tem, entretanto, no momento mesmo em que acontece, uma característica do inesperado e do anonimato que a coloca muito perto da natureza e suas catástrofes. Nada se poderia fazer para impedir seu impacto, como não se pode fazer para impedir um maremoto. Logo, a bala perdida, no imaginário de cada um, é representada como um “perigo” anônimo cujo poder pode ser contestado, mas não no momento mesmo que é exercido.¹ No extremo oposto, a mega sena corrobora o acaso feliz, pois o sorteio dos números determinou a ação que entregará a determinada pessoa o prêmio e não é possível estabelecer a trajetória dessa ação ou a intencionalidade do agente que sorteia os números. Apenas localizamos suas reverberações ação na realidade ao entregar o prêmio a qualquer pessoa que tenha se inscrito no jogo. Parece que a relação de causa e efeito possíveis de serem estabelecidos no jogo da mega sena é acerca da necessária aceitação das normas estabelecidas e que definem a participação dos jogadores.

A mega sena e a bala perdida carregam algo do acaso, pois, nessas situações escapa a continuidade e a intencionalidade entre a causa e o efeito. Esse aspecto inviabiliza os pressupostos do conhecimento hegemônico ocidental que elaboram explicações para o movimento através da continuidade, da causalidade e da intencionalidade, presentes na linearidade entre a causa sustentada pela intencionalidade do sujeito que deflagrou a ação e pelo efeito dessa ação sobre o objeto. Nessa perspectiva o sujeito e a intenção operam como origens para compreender a realidade e o psíquico. Entretanto, o movimento estabelecido no trajeto da bala perdida e da mega sena não se associa de forma linear, direta e contínua, com a intenção do sujeito que o deflagrou e com os efeitos por ele provocados. Da mesma forma, tanto o acaso feliz quanto o infeliz não são pautados pelo originário da ação calcado no sujeito ou pela ação que emerge e não se situa em determinado ponto de origem. A felicidade da mega sena se associa à imprevisibilidade do sorteio que representa a perspectiva de realização de sonhos fora dos princípios da ordem e do esforço. A mega sena implica comprar o bilhete que proporciona a oportunidade de ser sorteado, porém, este prêmio é análogo a um veio de ouro ou de petróleo inesperadamente encontrado, no quintal do sítio. A infelicidade da bala perdida também se associa ao imprevisível do movimento realizado pelo projétil que se desloca sem manter a linearidade entre a intenção de quem o disparou e o resultado obtido.

As realizações da vida humana podem estar relacionadas, de alguma forma, ao acaso: como um encontro inesperado ou uma chuva que cai de repente. Freud postula que a vida de cada ser humano é obra do esforço e do acaso. O autor problematiza a tradição do conhecimento moderno apoiado na disjunção que promove a oposição entre as séries etiológicas e dissocia disposição e acaso. Ele afirma que tanto a disposição quanto o acaso se entrelaçam para compor o destino de um ser humano (Freud, 1996[1912]). Assim, quando se deseja um amor é preciso encontrar um corpo que seja objeto deste amor. E este encontro, na maioria das vezes, é aleatório e imprevisível. Assim posto, acredita-se possível colocar o acaso muito perto e íntimo da natureza, seja como um mundo que nos cerca, ou seja, como um fator genético que carregamos apesar do esforço de todos os cientistas que atualmente o desafiam.

Aristóteles (1973, 1996) postula que cada ação executada visando a um fim produz, acessoriamente, efeitos que não são compreendidos no seu fim. O exemplo poderia ser o ruído de um veículo, efeito acessório e não pretendido do seu movimento. Estes efeitos, segundo ele, podem ter entre si aproximações que também não são compreendidas através da finalidade dessas ações. O conjunto desses efeitos acessórios constitui o acaso. Neste sentido, a bala perdida explicita tanto um efeito linear e contínuo da situação política social brasileira quanto um efeito acessório criado por ela. Entretanto, Aristóteles também nos fornece outra definição que pode ser considerada diferente da primeira: o acaso acontece aos seres vivos dotados de vontade (quer dizer, através de um efeito puramente acidental e não previsto das suas volições) ou ainda por uma causa exterior que nada tem de intencional. Aqui, a mesma bala perdida se torna algo de estranho à criação do homem, porque não é produto da sua volição, mas, se encontra externa a ela.

As duas definições se diferenciam, mas ambas são ilustrativas neste trabalho. A primeira entende o acaso como a conjuntura do que se cria e, a segunda o entende enquanto algo exterior ao que se cria, como um “não previsto das volições”. Mas, tanto compreendidos pela primeira ou pela segunda definição, a bala perdida e a mega sena falam desse ser que, mesmo dotado de vontade, carrega essa exterioridade não prevista e situada além da sua vontade.

No Dicionário de Filosofia de Lalande (1996) encontramos uma variante interessante da palavra acaso: o jogo de azar. Assim, temos três maneiras de pensar essa palavra, sendo que a última, agora enunciada, apresenta uma circunstância objetiva acerca da ocasião de sua aplicação. O jogo de dados, por exemplo, é uma maneira através da qual o acaso, ao se estabelecer dentro de certas normas,² se torna circunscrito a uma forma mais apaziguada de ser.

A mega sena e a bala perdida são ficções mais ou menos analgésicas do sofrimento psíquico. O acaso se transforma no jogo de azar. Assim, através deste mecanismo não mais se produz a angústia, mas, como consequência, também não se propicia ao ser humano as experiências necessárias que somente ele poderia fazer surgir.

A partir das pontuações realizadas acima, podemos melhor circunscrever a nossa questão. Transformando a conjuntura humana do imprevisível e do aleatório em condição humana que se situa para além da lógica formal, isto é, fornecendo um limite, mesmo ficcional, a um corpo estranho, nós nos tornamos menos incapazes para suportá-lo na condição do que escapa a previsão e ao controle. Nesta condição, por um lado não importam as “habilidades do jogador”, pois, o ganho e a perda são determinados por um conjunto de causas muito pequenas ou muito complexas para que algum resultado possa ser previsto. Por outro lado, ao sobrevalorizar essas habilidades entram em cena as supostas qualificações de cada humano, travestidas como atributos inerentes a cada um de nós que viabilizam a competência ou a incompetência, bem como, a culpa ou a responsabilidade, perante as diversas situações cotidianas. Importante explicitar que a configuração subjetiva do sujeito moderno travestida como razão autônoma e identidade individualizada acompanha esse cenário de atributos e de culpas. Também é importante salientar, como postulado anteriormente, que o acaso não despede a potência de ação e demanda outra lógica para além da causalidade e da linearidade. Assim, podemos pensar que a bala perdida e a mega sena se transformam em expressões a serem problematizadas nos seus enlacs com o conhecimento e a constituição psíquica, bem como, com o trabalho terapêutico.

CONTEXTO CLÍNICO, MODOS DE SUBJETIVAR E MODOS DE CONHECER

Tomamos a dor como condição humana que é equacionada através da identidade ficcional denominada sujeito que ancora sua constituição na continuidade, na causalidade e na substância. É possível entender a identidade como uma ficção necessária à ação, ainda que a psicanálise fale da identificação como uma marca simbólica, diferente da identidade, mecanismo através do qual o sujeito adquire não sua unidade, mas sua singularidade. (FREIRE COSTA, 1986). A representação identitária oferece ao eu a ilusão de estabilidade e de continuidade no espaço e no tempo, concomitante à ilusão de que a razão controla as paixões e a desmesura presentes no eu e na natureza estabelecendo a previsão e a medida. No artigo “O estranho” (1996[1919]) Freud pontua que o “estranho” é o lugar onde “a coisa” habita em cada um e se situa longe de seu controle. O mais íntimo e familiar retorna como amedrontador suscitando este sentimento também apresentado como “exotismo”. Freud sempre vai colocá-lo como um retorno do recaiado que aparece em todos os momentos onde a fronteira entre a realidade e a ficção é ultrapassada. Neste momento a ilusão toma o lugar da realidade como um esforço para excluir algo de si mesmo e negá-lo. Esta ficção seria uma forma de suscitar essa inquietante estranheza tornando-a aceitável e, assim sendo, fazê-la desaparecer. A desqualificação do imprevisto e do aleatório seria um dos mecanismos acionados para estancar a angústia já que também opera com o intuito de expressar e apartar o desamparo humano ao entronizar o controle, a medida e a relação entre causa e efeito como parâmetros para a constituição do sujeito e da ciência.

Na prática terapêutica, muitas vezes, este encontro com o acaso e com o inominável aparece nas situações bastante quotidianas. Como exemplo, poderíamos supor uma senhora que se nega a pagar sua falta à sessão. “Foi por causa da chuva, ou do tráfego”, diz ela. E é verdade. Choveu muito e muitas pessoas ficaram impossibilitadas de andar pelas ruas.

São situações bastante delicadas. O pedido do pagamento desta sessão pode ser vivido pela cliente como um ato de violência, tão grande quanto a catástrofe da chuva e da inundação. Este pedido de pagamento é muito diferente daquele gerado por uma falta comum: “eu não vim porque não queria”, ou “dei primazia a outro compromisso meu”, ou “não consegui vir”. Dentro do contexto deste artigo poderíamos pensar este “não pagamento” como uma dificuldade de fazer face ao inominável, logo de suportar a “dor de não prever”.

Pensamos no princípio freudiano da constância quando algumas situações envolvem dramaticamente a possibilidade de transformação deste princípio, desde que não existe possibilidade de se ter sempre prazer ao evitar o desprazer. O desprazer, então, se revestirá de diversas formas para garantir um equilíbrio, mesmo que precário, ao psiquismo. Na origem desta dinâmica se situa o trauma primário na medida em que o bebê, na sua escolha do bom e do mau para colocar fora ou dentro dele, se depara com algo que não pode ser qualificado nem catalogado em premissa alguma. Este algo está nele, sem nome possível e, após intensa inquietude, o bebê o lança no mundo como a “maior de todas as estranhezas”, sem conseguir extrair desta “coisa” o cerne mais significativo de sua intimidade.

Na hipótese acima, esta senhora, para restabelecer uma possível constância, considera que “não se paga a chuva e nem o trânsito [...] situações “além dela mesma” que o terapeuta, “como todo mundo, aliás”, deveria “suportar, esquecer e, sobretudo, concordar”. Mas estes hóspedes estranhos não podem ser negados ou desconsiderados sem um preço alto e inadequado. Sua proposta, enquanto cliente, é transformar a conjuntura do acaso num jogo de azar e tentar estabelecer um território onde as coisas são passíveis de serem suportadas segundo a ordem do arbitrário que despede a potência de ação.

Por um lado, cabe ao analista deixar-se tomar pela incerteza do seu ofício no lugar que melhor convier ao tratamento. É verdade que este acaso, sedutoramente negado pela suposta cliente, também possui alguns encantos. Ele não só permite a bala perdida como possibilita o prêmio da mega sena. Este atributo roubado à existência, pela neurose de cada um, quando retomado, determina tanto a perda quanto o ganho. A questão é dar lugar a essa desnatureza, a esse excesso, vizinho do desejo e amigo íntimo das fantasias mais primitivas. Por outro lado, cabe problematizar a potência de ação na sua relação com o imprevisível e o aleatório e com a elaboração da angústia que essa situação demanda a partir de outra lógica que sustente a constituição psíquica e não destitua o sujeito.

Existe algo catastrófico, como foi anteriormente trabalhado, envolvendo o trágico, muito perto da natureza tanto do mundo quanto do sujeito. É uma relação muito próxima que, com Freud, podemos denominar o “umbigo do sonho”. É neste campo onde a clínica elege mais abertamente o seu método, pois, envolve o

imponderável e o cerne do acaso, ou seja, nada que possa ser enquadrado na lógica causal e linear. E não podemos negar que este lugar diante do “impossível de se conter” é o lugar da análise e do desejo levando o sujeito a um enfrentamento definitivo para a sua história. Considerando o dia a dia do neurótico como o previsível e o seu cotidiano como marcado pelo marasmo que o envolve, no caso clínico acima citado este pagamento poderia ser colocado como uma dívida “a ser paga quando a cliente pudesse compreender” ou “encontrar alguns meios para saldá-la”, mesmo que nunca de forma definitiva. Ainda, considerando a condição neurótica como a disposição subjetiva que nos habita e, o imprevisível e aleatório como aquilo com que podemos esbarrar em cada esquina, é possível sustentar a importância ou o interesse em problematizar as modalidades de conhecimento que ancoram o saber ocidental e moderno e de forma específica, as teorias acerca da constituição psíquica e da prática clínica.

Ponderações sobre o aleatório e o imprevisível na vida humana, e ainda, sobre as condições subjetivas necessárias para lidar com eles, são apresentadas por Freud (1996[1910], p. 141) no seu trabalho sobre Leonardo da Vinci:

Se considerarmos que o acaso não pode determinar nosso destino, será apenas um retorno ao ponto de vista religioso sobre o Universo, que o próprio Leonardo estava a ponto de superar quando escreveu que o sol não se move [...] Sentimos naturalmente decepcionados por ver que um Deus justo e uma providência bondosa não nos protegem melhor contra tais influências durante o período mais vulnerável de nossas vidas. Ao mesmo tempo, estamos sempre demasiadamente prontos a esquecer que, de fato, o que influi em nossa vida é sempre o acaso, desde nossa gênese a partir do encontro de um espermatozóide com um óvulo - acaso que, no entanto, participa das leis e necessidades da natureza, faltando-lhe apenas qualquer ligação com nossos desejos e ilusões.

Tendemos a concordar com o autor no que tange a relevar a imprevisibilidade da vida humana. Consideramos, ainda, a importância de relevar as implicações no trabalho terapêutico das relações com o acaso. Essas implicações assumem diversos contornos e direções. Por um lado, as teorias e estratégias de intervenção que sustentam o trabalho terapêutico encontram-se atravessadas por concepções acerca do determinado e do previsível, o que demanda reconhecer essa questão e problematizar referências práticas e teóricas. Por outro lado, a prática terapêutica pode caminhar no sentido de estimular experiências capazes de sustentar o contato com os aspectos imprevisíveis e aleatórios presentes na rede social e na natureza. Assim, faz-se necessário problematizar os parâmetros modernos da causalidade linear e contínua que ancora a maioria das teorias sobre a constituição subjetiva e sobre o método clínico.

Na perspectiva assumida pelos autores deste artigo a questão que envolveria a natureza desta alfanega entre o nome e o inominável marca a importância da teoria e do método de pesquisa/intervenção que levaria em consideração estas vi-

zinhanças. A questão freudiana “da herança original” toma uma forma mais ampla e considera algumas consequências bem mais sérias do que aquelas provocadas pela célebre afirmativa darwiniana de que a “ontogênese repete a filogênese”. Pois não se trata somente do indivíduo que repete a espécie, mas da inserção e criação do mundo onde ele se instala e estabelece laços, logo da sua “realidade psíquica”.

Nos “Estudos sobre a Histeria” (1996[1895], p. 39), Breuer e Freud já diriam que tanto este traumatismo psíquico primário quanto sua construção se expressam como um “corpo estranho” que passará a ser um fator importante no desenvolvimento posterior da obra de Freud. No artigo “Inibição, sintoma e angústia” (1996[1925]) o sentimento de estranheza terá uma primazia, pois, será ele, enquanto um sinal de angústia, aquilo que permitirá ao eu tanto se defender do sintoma como tentar incorporá-lo. Ela, também, estaria no cerne do trabalho do sonho. Sua quantidade seria transformada em pensamento, para, através do discurso do sonho, apresentar-se na sua forma dramatizada e, portanto, construída. As compulsões, assim como os chistes e o ato falho, também são testemunhas deste estranho hóspede, por elas considerado como uma “terra estrangeira interna” Mas em si mesma esta terra é o susto e o grito, mesmo silencioso, que será reconhecido apenas *a posteriori* e não necessariamente como expressão de um extremo familiar. Isto acontece em diversas ocasiões, por exemplo: quando a magia e a onipotência do pensamento se instalam, quando o sujeito é tratado como um objeto ou quando o seu corpo é vivido como despedaçado e a castração representada e, sobretudo, na evocação do retorno ao corpo da mãe.

Em *Ulisses* de Joyce o jovem Stephen Dedalus, discute com Mr. Deasy, diretor do colégio onde Stephen trabalha como professor. A história - diz ele, é um pesadelo do qual tento despertar. Mr. Deasy, conservador, responde que a história progride sempre em direção a maior das metas que seria a manifestação de Deus. Neste momento um grito repentino, procedente do pátio dos alunos, invade a sala silenciosa do diretor. Stephen, ouvindo o grito, retruca que a história não é uma ordem preestabelecida se assemelhando mais e melhor a esta irrupção inesperada. “Isto é Deus, um grito na rua”, diz ele, apontando a janela (JOYCE, 1970[1922], p. 37).

Desta forma, podemos pensar que os nossos ideais de hoje também não serão obedecidos pelos caminhos destes nossos tempos e devemos reconhecer que a escuta da dor psíquica conforme proposta pela psicanálise nasceu e só poderia prosperar imersa nestes gritos, sustos e rupturas. Como exemplo: o “Homem dos ratos” morreu nas trincheiras da guerra, os bens do “Homem dos Lobos” foram confiscados pela revolução. Os filhos de Freud não lhe trouxeram grandes satisfações e a história da psicanálise, de Reich a Jung, é plena de possibilidades para estas considerações. Logo é neste jogo do acaso e descontinuidades que os caminhos e as trajetórias, mesmo os mais marcados pela história psicanalítica, continuaram seu percurso.

A questão se colocaria caso o terapeuta não pudesse distinguir o “Deus do acaso”, consequência das nossas duas primeiras premissas aristotélicas, das parcerias que as esquinas da vida nos oferecem e dos parceiros com os quais aca-

bamos por jogar. Pois os dois lugares são vias necessárias para uma melhor elaboração de seu trabalho. A concepção aristotélica sobre a “causa accidental”, como uma “consequência do ato” ou como “o ato em si”, sempre deveria estar presente, sobretudo nos momentos onde a sua aparição se fizesse extremamente necessária.

ALGUMAS MEDIAÇÕES

Os aspectos do imprevisível e do aleatório acompanham a vida e não se associam de forma imediata à intencionalidade do humano, bem como, escapam às tentativas de controle postas pela razão e pelo método nas suas configurações modernas que reduzem o nexa causal ao linear e ao contínuo. Relevar a presença desses aspectos na vida implica em considerar suas injunções nas práticas que pretendem produzir conhecimento sobre a realidade nas suas várias facetas e, de forma específica, no trabalho de escuta da dor. Assim, as críticas direcionadas à lógica formal implicam em problematizar leituras sobre a constituição subjetiva e sobre a produção de conhecimento que escapem a essa lógica e a sua concepção de *continuum* espaço temporal e adentrar o terreno da lógica não formal e do tempo e espaço não concebidos exclusivamente como lineares, substantivados e contínuos. Em suma, implica em trabalhar com teorias e temas escandidos e excluídos dos saberes oficiais reconhecidos pelo conhecimento hegemônico. A dor concerne à vida humana e escapa à demanda daquele que a experimenta e busca estabelecer através de nexos causais sentidos e motivos à essa experiência. Ou seja, a dor escapa à dimensão mensurável e previsível das teorias e métodos modernos centrados na plena eficácia da racionalidade e autonomia. Nessa perspectiva, acreditar que “nada acontece por acaso” pode dizer respeito à crença na possibilidade de tudo conhecer e controlar, na medida em que para tanto bastaria estabelecer causalidades. Entretanto, relevar a presença do aleatório e do imprevisível não implica em abandonar a busca pela compreensão da realidade e pela causalidade, mas, antes, diz respeito ao trabalho de reconhecer os limites do conhecimento moderno, bem como, de ampliar o trabalho com esse conhecimento.

Não obstante, esse trabalho demanda configurações subjetivas capazes de sustentar sujeitos em condições de lidar com a incerteza e o descontínuo, bem como, demanda a produção de teorias e estratégias de intervenção calcadas em concepções da razão para além da sobreposição da subjetividade à consciência.

É importante pontuar que Bunge (1972) demonstra que o princípio de inércia, considerado um dos pilares da física clássica, postula que os corpos se movimentam, porém, nesse princípio não localizamos a definição da causa que leva os corpos a se moverem. Nessa perspectiva, é possível afirmar que o princípio de inércia não se enquadra na lógica formal linear e causal, pois, nele não se encontra uma explicação para a origem do movimento na medida em que é adotada a pressuposição da sua imanência nos objetos. Essa pressuposição não trabalha a origem do movimento, apenas suas alterações entendidas como originadas por forças que o mobilizam e o alteram. Com este comentário importa mencionar que nos princípios da física clássica associada a lógica formal é possível encontrar

uma contradição que nos coloca de sobreaviso acerca do controle e de previsibilidade postulados pelo conhecimento moderno, bem como, problematiza a qualificação a ele atribuída em detrimento dos pressupostos por ele desqualificados.

A mega sena e a bala perdida são recolocadas como contextos que limitam o indeterminado, mas, dentro deste contexto, o acaso e o excesso tornam-se jogos porque se transformam numa ficção que suporta a estranheza. O referencial identitário da mesma forma que o cientificismo e o racionalismo do sujeito, são fortalecidos pela manutenção da suposta origem causal e linear do psiquismo e do conhecimento.

Esta pode ser considerada uma importante representação da demanda sustentada pela lógica formal, ou seja, a manutenção da ficção identitária, da unidade e do controle. Esvaziar as teorias e as práticas clínicas do mito de origem, da causalidade linear e da ficção identitária, encontrando uma possibilidade de suportar lidar com o descontínuo e o imprevisível, se revela muito interessante para pensar algo além da dor como culpa e experiência passiva. Relevar que algo sempre escapa pode oferecer possibilidades à organização de um conhecimento e de uma subjetividade passíveis de lidarem com o improvável e o imponderável. O acaso é uma abertura necessária que, ao ser tamponado e desqualificado, destrói as funções criativas e torna precária a responsabilidade por si mesmo.

A noção de acontecimento, conforme proposta por Derrida (1971, 1999, 2001) pode ajudar-nos a pensar a questão do que escapa às previsões e aos caminhos anteriormente delimitados e traçados por métodos e teorias centrados na lógica formal. O acontecimento pode eclodir em diversos contextos e situações, e pode emergir quando o(s) sentido(s) associado(s) a determinados conceitos elaborados pelas pessoas se deslocam, abrindo possibilidades para novas leituras sobre a realidade, o outro e o eu. Conforme o autor, o estabelecimento de novos sentidos abre passagem para o não pensado, para o que advém, e esse movimento do que está por vir se alia ao inconsciente e se explicita no outro do conceito e do sujeito. Para Derrida (2001), o trabalho da lógica não formal nos aspectos do conhecimento demanda o estabelecimento de concepções de causalidade e racionalidade não ancoradas de forma exclusiva na metafísica da presença. Assim, tanto o negativo, o indecidível, quanto o efeito, demandam serem problematizados:

O que precisamos é determinar *diferentemente*, de acordo com um sistema diferencial, os *efeitos* da idealidade, da significação, do sentido e do referente. (Seria preciso também dedicar uma análise sistemática a essa palavra, “efeito”, de utilização tão freqüente hoje, um fato que tem sua importância, e ao novo conceito que ela marca de maneira ainda bastante indecisa [...]. Esse “novo” conceito de efeito toma de empréstimo suas características, ao mesmo tempo, à oposição causa/efeito e à oposição essência/aparência (efeito, reflexo) *sem, entretanto, reduzir-se a elas*. É essa franja de irredutibilidade que deveria ser analisada) (DERRIDA, 2001, p. 74, grifo do autor).

Por seu turno, a captura do trabalho terapêutico pelo método marcado pelo linear e contínuo do nexos causal, demanda problematizar o singular da experiência e o efeito de subjetivação calcado na lógica linear e causal. Entretanto, este trabalho revela-se difícil por exigir dos profissionais e pesquisadores uma leitura transdisciplinar e o conhecimento de teorias oriundas de áreas consideradas por muitos como alheias à seara terapêutica. Ainda, essa dificuldade reside na própria constituição subjetiva do homem moderno que se acredita constituído pela razão plena e pela consciência que oferece transparência ao psíquico.

Neste trabalho não se pretende, nem se poderia pretender, desabilitar e desacreditar toda uma tradição calcada na ontologia e na metafísica, até porque os instrumentos utilizados para problematizar essa tradição se assentam em referenciais oriundos dessa tradição e se produzem a partir dela (DERRIDA; ROUDINESCO, 2001). Importa colocar o dedo no furo e no limite dessa tradição sem pretensão de tamponá-la e preenchê-la com outros conceitos substantivados, mas antes, contorná-la, atravessá-la, ser por ela atravessado e contornado, em busca de suportes para o indecível, o acaso e o singular.

O trabalho posto àqueles profissionais que priorizam a escuta do outro e do con(texto) é o de compreender a organização da rede social e coletiva e de como opera o processo de inscrição psíquica da materialidade do real. A crítica recai sobre a leitura platônica que elogia o *logos* como forma de conhecimento na sua relação direta com o corpo e o ser, bem como, desqualifica o *pathos*, o acaso, o lúdico, por entender que eles desvirtuam o *logos*.

A mega sena e a bala perdida, bem como o fragmento do caso clínico, falam de restos, que são restos desde que não considerados como germes de novas sutilezas e buscas. Se, no dizer de Gonzaguinha,³ para ser feliz é necessário não ter vergonha, este seria um desnudamento necessário. O mal estar se encontra nesse con(texto), como um convite calcado nas impossibilidades e nas incertezas que trazem nosso cotidiano. Nós, humanos temos que no confrontar com um real subjetivo e, neste momento, talvez possamos reencontrar e exaltar nossa própria intimidade.

NOTAS

¹ É verdade que existe todo um esquema social que justifica a bala perdida. Sua origem é conhecida como, também, de uma forma geral, são sabidas algumas medidas sociais que poderiam ser tomadas para impedi-la.

² Este processo está marcado por um lugar de uma autoridade que não obedece ao imperativo categórico kantiano, ou seja, de um pai que não se submete às mesmas leis às quais ele obriga os filhos a se curvarem. Este é o pai mítico freudiano ilustrado em “Totem e Tabú” (1996[1912-1913]). Freud coloca a presença do general em chefe como necessário à coragem do seu exército, além de considerar esse mesmo exército uma massa pouco elaborada e instável. Assim, a imagem deste general em chefe sempre será uma expressão deste narcisismo primário. Neste pai primitivo não se pode encontrar nenhum convite a uma identificação que garanta a singularidade de cada ser.

³ Compositor e cantor brasileiro.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Coleção Os Pensadores.

ARISTÓTELES. *Física*. Madrid: Gredos, 1996.

BACHELARD, G. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BACON, F. *Novum Organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. Coleção Os Pensadores.

BLANCHÉ, R. *A ciência atual e o racionalismo*. Lisboa: Rés, 1983.

BUNGE, M. *Causalidad: el principio de causalidad en la ciencia moderna*. Buenos Aires: Eudeba, 1972.

DERRIDA, J. *Escritura e Diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971. Coleção Debates.

DERRIDA, J. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

DERRIDA, J. *Posições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DERRIDA, J.; ROUDINESCO, E. *De que amanhã...: diálogo*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

ESPINOSA, B. *Ética*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Coleção Os pensadores.

FÉDIDA, P. *A Clínica Psicanalítica: estudos*. São Paulo: Escuta, 1988.

FÉDIDA, P. *O sítio do estrangeiro: a situação psicanalítica*. São Paulo: Escuta, 1996.

FREUD, S. Estudos sobre a Histeria (1895). In: _____. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. II, p. 271-316, Edição Standard Brasileira.

FREUD, S. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância (1910). In: _____. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XI, p. 73-142, Edição Standard Brasileira.

FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos (1900). In: _____. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. IV, p. 541-646, Edição Standard Brasileira.

FREUD, S. A dinâmica da transferência (1912). In: _____. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XII, p. 107-119, Edição Standard Brasileira.

FREUD, S. Totem e Tabú (1912-1913). In: _____. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIII, p. 11-162, Edição Standard Brasileira.

FREUD, S. O estranho (1919). In: _____. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XVII, p. 233-270, Edição Standard Brasileira.

FREUD, S. Além do Princípio do Prazer (1920). In: _____. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XVIII, p. 11-76, Edição Standard Brasileira.

FREUD, S. Inibição, sintoma e angustia (1925). In: _____. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XX, p. 79-168, Edição Standard Brasileira.

FREUD, S. O Mal Estar na Civilização (1930). In: _____. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XXI, p. 65-147, Edição Standard Brasileira.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. Rio de Janeiro: Graal, 1990a.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1990b.

FREIRE COSTA, J. *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

JOYCE, J. *Ulysses* (1922). Tradução de Auguste Morel. Paris: Gallimard, 1970.

LALANDE, A. *Dicionário Técnico e Crítico da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PRIGOGINE, I. *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1996.

Recebido em: 13 de agosto de 2010

Aceito em: 16 de maio de 2012